

Suplemento

Arqueologia

Património arqueológico e arquitetónico na Paisagem Protegida Local do Sousa Superior, Lousada (Parte 1)



A Paisagem Protegida Local do Sousa Superior (PPLSS) cobre uma significativa superfície do vale do rio Sousa e abrange a área administrativa de oito freguesias do concelho de Lousada. Este texto principia com a apresentação de um conjunto de sítios arqueológicos e visa destacar a antiguidade da ocupação humana na região, as diversas formas de permanência adotadas e a interação com a paisagem ao longo do tempo.

Texto e fotografia

Luís Sousa
Arqueólogo
luís.sousa@cm-lousada.pt

Cristiano Cardoso
Técnico Superior de História
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

A realização de um inventário permitiu evidenciar o valor e a diversidade do património cultural da Paisagem Protegida Local do Sousa Superior, com destaque para os aspetos arqueológicos, arquitetónicos e etnográficos. O mapeamento e a análise da distribuição espacial dos cerca de duzentos Bens inventariados permitiram, por um lado, revelar um património com raízes milenares e, por outro, oferecer uma visão clara da simbiose entre o ser humano e o território, demonstrando ter havido uma exploração sustentável dos recursos naturais ao longo dos séculos. A partir de uma leitura geográfica que segue o curso do rio Sousa, de montante para jusante, dedicamos este primeiro ensaio à região correspondente à cabeceira do polígono da Paisagem Protegida, partindo da

apresentação do Povoado de Bacelo, da Necrópole Romana da Casa do Rio, do Povoado de Castilhô e do Casal Tardo-romano da Herdade.

1 - Povoado de Bacelo, Torno

Ainda que não existam dados arqueológicos concretos para em absoluto apontar a localização do povoado de Bacelo, este vem sendo colocado numa área de cotas baixas (211m), na freguesia do Torno, entre o rio Sousa e a ribeira de Brolhões. Trata-se de uma parcela do concelho de Lousada pautada por terras férteis e de fácil acesso, favorecidas por abundantes recursos aquáticos e propícias condições edafoclimáticas para a prática de atividades agrícolas, logo, para a fixação de grupos humanos.

José Augusto Vieira, no seu «O Minho Pitoresco», ao referir-se a S. Pedro Fins do Torno, hoje apenas Torno, menciona “a casa do fidalgo do Crasto da Veiga”¹. Esta passagem vem sendo apontada como referente ao povoado localizado em Bacelo, lugar que se situa nas cercanias da Quinta da Veiga.

Martins Sarmento, nos seus manuscritos compilados em ANTIQVA, citando outros fortes, além do castro de São Domingos que tinha visitado, menciona a “Eira dos Mouros, acima da igreja da Aparecida”². Salgado Guimarães, que realiza anotações nesta obra, sugere que se trata de Bacelo, porém, este povoado surge a cotas bem mais baixas em relação à igreja da Aparecida (Torno), o que levanta dúvidas se realmente se refere a este povoado ou a um outro ainda desconhecido na freguesia.

Pelo posicionamento topográfico, tratar-se-á de um castro agrícola que,

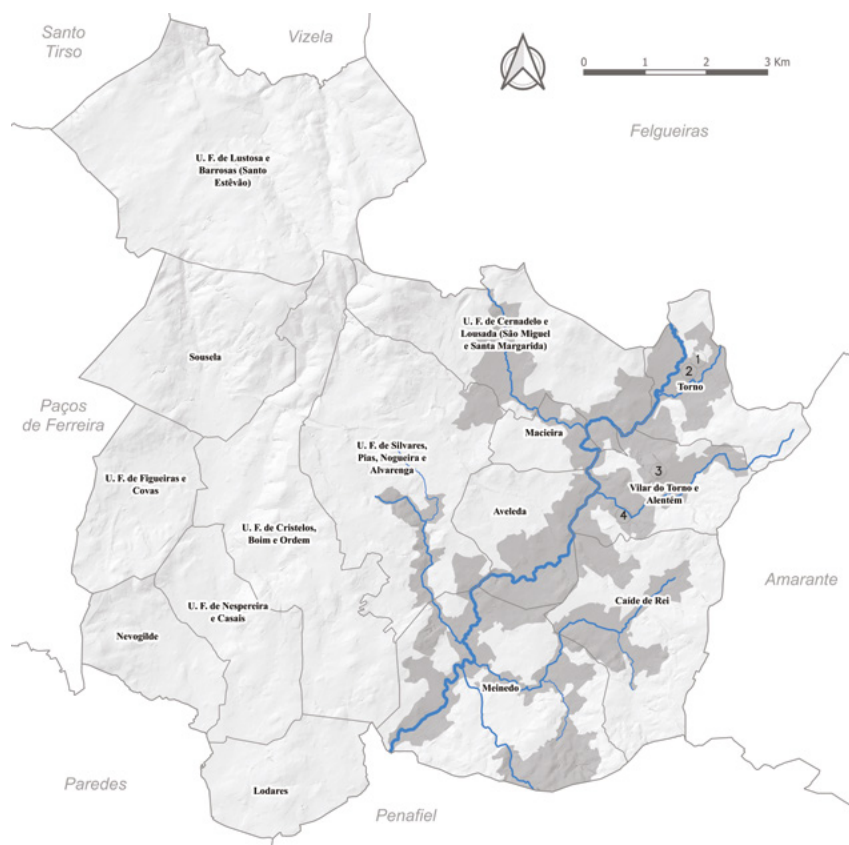


Figura 1 Mapa da PPLS e respetiva localização dos sítios analisados.

¹ VIEIRA, J. A. (1887) – *O Minho Pitoresco*, vol. II. Lisboa: Livraria António Pereira, p. 371

² SARMENTO, F. M. (1999) – ANTIQVA. *Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, pp. 26-27.



Figura 2
Panorâmica aérea da paisagem onde vem sendo localizado o povoado de Bacele, Torno.

num momento posterior, viu o seu perímetro de ocupação expandir-se ao longo das margens da ribeira de Brolhões, dando origem a um assentamento romano, tipo casal ou *villa*. Nos inícios do século XX, nas proximidades da Casa do Rio, durante a construção de um lago inserido num jardim romântico, foram encontrados vários fragmentos de *tegulae*, materiais líticos e um conjunto de peças cerâmicas de cronologia romana que parecem corroborar esta hipótese³.

2 - Necrópole romana da Casa do Rio, Torno

A existência de um potinho romano depositado no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, oferecido em 1926 por J. Sebastião M. Carvalho Matos Guimarães, da Casa do Rio, foi o primeiro achado a levantar a hipótese de estar associado à presença de uma necrópole nas imediações daquela casa senhorial. Uma breve batida de campo pelos terrenos e caminhos próximos da Casa do Rio revelam com certa frequência a presença de fragmentos de *tégula*, bem como nas vizinhanças da Casa da Porta, que lhe fica contígua.

Os atuais proprietários da Casa do Rio estão em posse de um conjunto de peças cerâmicas e líticas cujo estudo recente permitiu novas interpretações a propósito dos vestígios associados à ocupação romana que vem sendo apontada para aquela área⁴. As peças de cerâmica comum, por um lado, revelam-nos uma panóplia variada de objetos associados ao uso doméstico, por outro lado, as mós manuais circulares remetem-nos para atividades agrícolas,

caracterizadas pela moagem de cereal, enquanto a base de uma coluna nos leva a imaginar a existência de construções porticadas, como implúvies e alpendres, isto é, edificações de alguma envergadura e opulência, o que permite colocar ali a existência de uma exploração agrária do tipo casal ou mesmo de uma *villa* romana e necrópole, com uma utilização balizada entre o século I e o século IV-V d.C.



Figura 3 Peças cerâmicas provenientes da necrópole romana da Casa do Rio, Torno⁵.

³ LEMOS, P.; NUNES, M. (2022) - "O inédito conjunto cerâmico romano da Casa do Rio (Torno, Lousada). Algumas considerações sobre um espólio ex situ". *OPPIDUM: Revista de Arqueologia, História e Património*, Ano 16, Número 14. Lousada: Câmara Municipal, pp. 96-109.

⁴ LEMOS, P.; NUNES, M. (2022) - *op. cit.*, pp. 96-109.

⁵ Figura obtida em LEMOS, P.; NUNES, M. (2022) - *op. cit.*, p. 103.

3 – Povoado de Castilhô, Vilar do Torno e Alentém

O povoado de Castilhô é um cabeço cónico com o topo ligeiramente aplanado onde se alcançam os 308 metros de altitude. Orientado no sentido sudoeste/nordeste, destaca-se na paisagem circundante por um largo domínio visual sobre a bacia hidrográfica do rio Sousa e da ribeira de Vilar.

Em 1886, Pinho Leal menciona no seu «Portugal Antigo e Moderno» os montes da freguesia de Vilar do Torno, referindo-se a um deles como Castilhô. Assente na etimologia do vocábulo, o autor sugere que tal se deve à razão de ali ter existido “*outr’ora algum castello ou atalaia, como revela o seu nome de Castilhô, castrello ou pequeno castello*”⁶.

Em «O Minho Pitoresco», editado em 1887, José Augusto Vieira, também atendendo à etimologia da palavra Castilhô, aponta ter existido no monte um “*pequeno castello*”⁷. Em 2007, foram identificados pela primeira vez vestígios arqueológicos no monte Castilhô⁸. À data, devido à densa vegetação que então cobria o monte, não foi possível

realizar o devido reconhecimento da zona, no entanto, foram tecidos alguns apontamentos que viriam a resultar na identificação de um povoado proto-histórico.

Na obra «Lousada Antiga: das origens à primeira República», de Augusto Soares de Moura, há uma breve referência ao monte Castilhô⁹, que em razão do autor colher a menção na «Grande Enciclopédia» não adita informações relevantes para a historiografia e para a caracterização do arqueossítio.

O espólio arqueológico observado, composto exclusivamente por materiais cerâmicos, é formado principalmente por fragmentos de panela, todavia, destaca-se um bordo, talvez de uma malga, de tonalidade bege claro, que ostenta uma decoração incisa composta por linhas verticais paralelas ao bordo. De modo muito esparsos observam-se fragmentos um pouco por todo o topo do morro, ainda que, a cerca de 43/44m a noroeste do cume, se constata uma superior concentração de restos cerâmicos em associação a uma espessa camada de terra humosa.



Figura 4

Perspectiva sul do povoado de Castilhô,
Vilar do Torno e Alentém.

⁶ PINHO LEAL, A. S. d'A. B. de (1886) – *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. 11. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, p. 1284.

⁷ VIEIRA, J. A. (1887) – *O Minho Pitoresco*. Vol. II. Lisboa: Livraria António Pereira, p. 369.

⁸ SOUSA, L. (2007) - *Proto-história e época romana no concelho de Lousada: aplicação de um SIG na análise espacial em Arqueologia*. Seminário de Projeto. Porto: FLUP-DCTP (policopiado).

⁹ MOURA, A. S. de (2009) - *Lousada Antiga. Das origens à primeira República*. 1ª Parte, do concelho. Lousada: Edição de Autor, p. 108.



Figura 5
Ampla vista aérea sobre o lugar da Herdade,
Vilár do Torno e Alentém.

4 - Casal Tardo-romano da Herdade, Vilár do Torno e Alentém

No âmbito da investigação académica sobre o *territorium de Tongobriga*, considerando as boas aptidões agrícolas do sítio, Lino Tavares Dias aponta para este local um assentamento do tipo *villa* romana, referindo que, pese embora tal facto, apenas se evidencie nas imediações a presença de uma “*lagareta com três cavidades*”¹⁰. Esta estrutura surge implantada num baixo promontório votado a mata a que localmente é atribuída a denominação de «Cerca dos Veados». Aí se observa cavado numa massa granítica um lagar rupestre vinário. Ainda que de difícil atribuição cronológica, em termos tipológicos, parece enquadrável na Baixa Idade Média.

Estudos sobre a rede viária histórica da região colocam esta zona a ser atravessada por uma estrada romana. Integrada neste eixo, no lugar de Barrimau, freguesia de Aveleda, a

pouca distância da Herdade, existiu uma ponte romana de arco único para travessia do rio Sousa, que integrava a via que provindo de Macieira da Lixa (Felgueiras) em direção à Serra de Santa Justa (Valongo), tinha passagem por Meinedo. Trabalhos de prospeção arqueológica permitiram que fossem identificados alguns poucos fragmentos de *tegulae* nos campos agrícolas contíguos à Herdade, lugar a sudeste do referido lagar rupestre. O comprovado traçado viário romano que decalcava a zona, os restos de *tegulae* observados e a existência do lagar são elementos reveladores de uma ancestral ocupação do território estudado, todavia, sendo escassas as evidências, impede que sejam tecidas conclusões definitivas sobre a cronologia e tipo de ocupação do sítio, porém, os dados disponíveis parecem apontar para a implantação de um pequeno casal agrícola tardo-romano e que porventura terá permanecido ativo, ou ter sido reocupada a área, na Baixa Idade Média.

¹⁰ DIAS, L. T. (1997) – *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR, p. 302.

¹¹ SOUSA, L. (2013) – “Rede viária romana em Lousada: a ponte de Barrimau em Aveleda e vias confluentes”. *Revista Municipal* (Suplemento de Arqueologia), Ano 14, nº 114. Lousada: Câmara Municipal, pp. 1-4.